

# Fatores culturais na formação espiritual

Pe. Dr. José Eduardo de Oliveira e Silva

No dia 27 de setembro de 1965, na 136ª. Congregação Geral, na 4ª. Seção do Concílio Vaticano II, o Revdo. Pe. Pedro Arrupe, Prepósito Geral da Companhia de Jesus, fez uma intervenção digna de nota, da qual gostaria de extrair algumas palavras a título de introdução desta Conferência:

O esquema sobre a Igreja no mundo contemporâneo é digno de louvor pela maneira com que tenciona oferecer soluções aos problemas de hoje. Mas temo que tais soluções, em particular o que se diz do ateísmo no n. 19, se situem - evidentemente contra as intenções dos redatores - ainda excessivamente num plano teórico. Isto seria persistir em um de nossos habituais defeitos. Porventura a Igreja não possui a verdade, os princípios, todas as provas? Mas, na realidade, transmite ela toda esta riqueza ao mundo duma maneira verdadeiramente eficaz? Este é o problema!

A inadequação entre o que a Igreja possui e o que ela dá ao mundo é ainda mais patente no mundo contemporâneo que faz abstração de Deus e até,

frequentemente, se esforça em destruir inclusive a ideia mesma de Deus. Esta mentalidade e esta cultura praticamente ateias não se contentam em lutar desde fora contra a Cidade de Deus - como aquela Cidade no sentido agostiniano, - mas também invadem as posições-chave da Cidade de Deus, penetram até no próprio espírito dos crentes (inclusive dos religiosos e sacerdotes) e os contamina sub-repticiamente com o seu veneno que tem por resultados na Igreja: o naturalismo, a desconfiança e o espírito de revolta. - Por meio de seus membros mais conscientes, a nova sociedade atea trabalha duma maneira muito eficaz: utiliza os meios da ciência e da técnica, as possibilidades sociais e econômicas; prossegue imperturbavelmente na execução duma estratégia cuidadosamente elaborada; exerce um domínio quase absoluto nas organizações internacionais, nas sociedades financeiras, nos meios de comunicação social (televisão, cinema, imprensa, rádio). Perante esta sociedade, a Igreja toma posição com toda a riqueza de seus imensos tesouros de espiritualidade e de verdade. Mas é preciso reconhecer lealmente que a Igreja não achou ainda os meios verdadeiramente eficazes para transmitir aos homens de nosso tempo esses tesouros. As estatísticas falam com clareza: No ano 1961 os católicos representavam 18%; hoje, porém, 16%. A proporção, pois, está em sensível diminuição. Após 2.000 anos, constituímos somente uma pequena porção da humanidade.

(...)

O ateísmo não é um problema exclusiva ou primariamente filosófico. Por essa razão, além de refutações intelectuais, é urgente promover uma ordem

individual (relação do indivíduo com Deus), familiar (relação da família com Deus), comunitária (relação da sociedade com Deus), na qual as diversas relações recíprocas não estejam afetadas de modo algum pelo ateísmo. (...) Mas, porque o homem (e a sociedade) encontra mais facilmente a Deus por atos sociais - que implicam a atuação da vontade - do que por atos de pura contemplação - que percebem e refletem a verdade, - é urgente, perante a sociedade sem Deus, construir a sociedade de Deus, a sociedade cristã. O meio radical para o saneamento radical dos males que hoje decorrem do ateísmo e do naturalismo é a construção da sociedade cristã, não no isolamento nem no que se chama um "gueto", mas em pleno mundo<sup>1</sup>.

Embora longa, a citação é preciosa, pois toca na essência do tema sobre o qual nos debruçamos, pois, como lembrava um dos fundadores da sociologia e antropologia modernas, Emile Durkheim, os comportamentos dos indivíduos são em alguma medida determinados pelas estruturas em que emerge a sua consciência<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> ARRUIPE S.I., P., *Intervenção na 13ª Congregação Geral*, in ACTA CONCILII VATICANI II, Periodus IV, Pars II, pp. 481-483, tradução de KLOPPENBURG OFM, B., *Concílio Vaticano II*, v. 5, pp. 110-113. Em dados divulgados pela agência Fides em 2021, o número de católicos é de 17,76% da população mundial.

<sup>2</sup> Cf. DURKHEIM, E. *O que é fato social?* In *As Regras do Método Sociológico*. Trad. por Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6.a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972. p. 1-4, 5, 8-11.

De fato, o homem não é apenas animal racional, mas como dizia Aristóteles, é *zoon politikon*<sup>3</sup>. Contudo, nós não somos os únicos animais sociais. Na natureza, existem sociedades de abelhas, formigas, cupins e até de baratas. Qual a diferença entre estas sociedades e a nossa?

Um dos maiores sociólogos do sec. XX, alto representante da sociologia funcionalista, tanto utilizada pelas Fundações Internacionais em seu intento de remodelar as estruturas sociais de diversas sociedades, Kingsley Davis, em sua obra principal, *Human Society*, escreveu que:

Os seres humanos sempre se consideraram como uma espécie única. Permaneceram constante e profundamente cômicos da grande separação existente entre eles e o restante do reino animal, separação que nunca desapareceu no mundo pensante. E não somente têm permanecido conscientes da própria singularidade como, de acordo com as características humanas, têm procurado explicá-la. Afirmaram que o homem possui uma alma, que falta aos animais, ou que o homem possui uma ordem diversa de inteligência. Afirmaram, ainda, que o homem é um animal falante e, portanto, absolutamente diferente de uma besta muda, ou que é um animal social e, conseqüentemente, civilizado. Tais

---

<sup>3</sup> “Toda polis é uma forma de comunidade. [...] O homem é, por natureza, um ser vivo político (*zoon politikon*). [...] Além disso, a polis é anterior à família e a cada um de nós, individualmente considerado; é que o todo é, necessariamente, anterior à parte. [...] É evidente que a polis é, por natureza, anterior ao indivíduo; como um indivíduo separado não é autossuficiente, ele permanece em relação à cidade como uma parte em relação ao todo. Quem for incapaz de ser em comunidade ou que não sente essa necessidade por causa de sua autossuficiência será um bicho ou um deus; e não faz parte de qualquer polis”. ARISTÓTELES, *Política*, 1252a1; 1253a5-30.

explicações parecem místicas, ou superficiais; pois, em qualquer dos casos, são meras racionalizações de uma profunda intuição e não explicações verdadeiras. Todos concordam, porém, em não creditar a singularidade humana aos seus traços físicos. (...) De certa forma, compreendeu-se que a singularidade do homem deve ser procurada em outro nível. Que nível, porém? Na inteligência? Sim, embora isoladamente o homem não passe de um animal profundamente estúpido. Na palavra? Sim, embora se trate apenas de uma classe geral de traços característicos. Na sociabilidade? Sim, embora muitos animais sejam igualmente sociáveis. Portanto, qual a resposta? Se existe um único fator capaz de explicar a singularidade do homem, é o seguinte: o homem, e somente ele, possui cultura. É daí que surgem todas as outras diferenças. Sua inteligência, por exemplo, multiplica-se mil vezes pela posse da cultura. Sua palavra, por mais importante que possa ser, nada mais é que simples parte da cultura. Sua vida social é governada pela cultura. A cultura é, conseqüentemente, uma qualidade profunda que se ramifica através da vida humana e é responsável por todas as verdadeiras e únicas qualidades humanas. Proporciona uma dimensão extra à existência, e transforma o ser humano em algo que de outra forma não passaria de simples animal<sup>4</sup>.

O próprio Marx, em *A ideologia alemã*, reconhece como primeiro fato histórico “a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades”<sup>5</sup> mais básicas. Ora, cultura significa

---

<sup>4</sup> DAVIES, K., *A Sociedade Humana*, Editora Fundo de cultura, São Paulo: 1948, pp. 17-18.

<sup>5</sup> MARX, K., *A ideologia alemã*, Martins Fontes, São Paulo: 2002, p. 21.

exatamente isso: aquilo que é produzido, que é cultivado pelo homem como ser inteligente, capaz de ultrapassar os limites da natureza pura.

Como bem salienta Kingsley Davis, a linguagem é a ferramenta mais sofisticada pela qual o homem pode produzir cultura e, a partir desta, construir a sociedade na qual emerge a consciência dos indivíduos. A linguagem, porém, possui uma estrutura complexa, feita de uma infinidade de formas. Já Aristóteles notava que existem diferentes níveis de discurso e que estes mesmos precisam ser detidamente estudados e utilizados, a fim de que se produza o resultado adequado nas almas dos ouvintes.

Para o estagirita, o nível mais indeterminado de linguagem, no fundo, é o que cria as possibilidades para os níveis mais determinados. Ele o diz na *Retórica*:

Em retórica convém não fazer deduções de muito longe, nem é necessário seguir todos os passos: o primeiro método é obscuro por ser demasiado extenso, o segundo é pura verborreia, porque enuncia coisas evidentes. É esta a razão pela qual os oradores incultos são mais persuasivos do que os cultos diante de multidões; como dizem os poetas, os incultos são ‘mais inspirados pelas musas’ diante da multidão. Com efeito, os primeiros enunciam as premissas comuns e gerais, os segundos baseiam-se no que sabem e no que está próximo do seu auditório. Portanto, é assim que os oradores devem falar, não tomando com ponto de

partida todas as opiniões, mas só as certas e determinadas<sup>6</sup>.

Para Aristóteles, a arte que produz esse tipo de percepção é a poesia (οἴησις, de fato, indica a ação de criar). A arte poética, portanto, é aquela que cria as estruturas mentais adequadas para tornarem possíveis determinados tipos de percepção nos ouvintes, percepções compartilhadas que, ao fim e ao cabo, são a matéria prima da retórica.

Na sua *Poética*, de fato, Aristóteles diz que “a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade. O historiador e o poeta não diferem pelo fato de um escrever em prosa e o outro em verso. Diferem é pelo fato de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer”<sup>7</sup>.

A função do poeta é, portanto, instigar o intelecto do ouvinte com imagens que o confrontem com possibilidades que alteram a sua percepção a partir do critério da verossimilhança. É exatamente aqui que atua a influência cultural sobre as nossas faculdades cognitivas. A cultura, de alguma forma, molda a nossa imaginação, a nossa memória, a nossa capacidade de sentir e de nos expressarmos, tanto para nós mesmos quanto para os outros. Este é o poder mais imperceptível, que não passa por um saber determinado.

---

<sup>6</sup> ARISTÓTELES, *Retórica*, 1395b in ARISTOTE, *Œvres completes*, Flammarion, Paris: 2014, p. 2698, trad. Leeboks, São Paulo: 2020, p. 212.

<sup>7</sup> IDEM, *Poética*, 1451b in ARISTOTE, op. cit., p. 2771, tradução de Ana Maria Valente, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: 2008, p. 54.

São Tomás não conheceu a *Retórica* e a *Poética* de Aristóteles. Os escritos estavam perdidos, até então. Contudo, em seu Comentário aos Analíticos Posteriores, ele afirma que:

“o mesmo (que na indução chega-se a uma conclusão universal a partir de elementos singulares que são manifestos) vale também no âmbito da retórica, onde se alcança a persuasão por meio dos entimemas ou dos exemplos e não dos silogismos ou das induções completas; e isso por causa da incerteza que caracteriza o objeto da retórica, ou seja, as ações singulares dos homens, em relação aos quais não se podem propriamente assumir premissas universais”<sup>8</sup>.

Em outras palavras, quando falamos em cultura, não podemos nos restringir ao uso seu significado erudito, mas temos de perceber que toda a produção humana cristalizada em nossa estrutura social configura, de alguma maneira, os nossos pensamentos e sentimentos, gerando valores que se instalam em nossa autoconsciência sem que os percebamos de modo claro e distinto.

Neste sentido, podemos dizer que a cultura produz um certo “sistema de crenças” (*belief system*). Se antigamente a religião era definida como um “sistema de crenças”, hoje, a sociologia percebe que a sociedade inteira é construída sobre um “sistema de crenças”, o que significa que o secularismo conseguiu

---

<sup>8</sup> TOMÁS DE AQUINO, S., *Expositio Posteriorum Analyticorum*, lib. 1 l. 1 n. 12, “*manifestat idem in rhetoricis, in quibus persuasio fit per enthymema aut per exemplum; non autem per syllogismum vel inductionem completam, propter incertitudinem materiae circa quam versatur, scilicet circa actus singulares hominum, in quibus universales propositiones non possunt assumi vere*”. Tradução minha.



apenas trocar o conteúdo das crenças, reduzindo-as a um epifenômeno naturalista e, inclusive, político.

Num artigo de 2016, Udó-Doménech e Nescolarde-Selva, no contexto da sociologia contemporânea, descreveram esse conceito de maneira bastante interessante:

Os sistemas de crenças são as histórias que contamos a nós mesmos para definir nosso senso pessoal de realidade. Todo ser humano tem um sistema de crenças que utiliza, e é por meio desse mecanismo que nós, individualmente, “damos sentido” ao mundo ao nosso redor. A realidade percebida é construída por meio de um sistemas de signos, sendo afetada e alterada por meio de sistemas de crenças. Um sujeito não pode compreender um signo sem falar de um sistema que é aprendido socialmente e que lhe permite dar sentido à percepção. Da mesma forma, a classificação dos signos em tipologias fechadas pode ser enganosa, pois o estatuto do signo depende fortemente da forma como o signo é utilizado dentro do sistema de crenças. Um significante pode, no entanto, ser icônico em um contexto de crença e ser simbólico em outro contexto<sup>9</sup>.

A partir dessa descrição, os autores passam a elencar as características de um “sistema de crenças”: demandam compromisso pessoal, têm uma existência que transcende os seus “seguidores”, servem-se de mecanismos psicológicos como a congruência cognitiva, tem durabilidade maior que a vida dos seguidores, não têm limite definido, não são consensuais nem inteiramente conscientes, são preocupados com a existência ou

---

<sup>9</sup> USÓ-DOMÉNECH, J.L., NESCOLARDE-SELVA, J. *What are Belief Systems?*. Found Sci 21, 147–152 (2016), tradução minha.

inexistência de certas entidades conceituais, cosmologia alternativa, são moralistas e afetivos, incluem experiências pessoais marcantes, têm um conteúdo seletivo de acordo com a demanda dos seguidores e possui diversos graus de certeza<sup>10</sup>.

Mais interessante, porém, são os conteúdos determinados como elementos de um “sistema de crença”: 1) valores, 2) crenças substantivas (ideologias), 3) identidade a partir da orientação, da direcionalidade, 4) linguagem hermética e identitária do grupo, 5) perspectiva, viés, lugar de fala, 6) prescrições e proscricões e 7) tecnologia ideológica ou meios de ação<sup>11</sup>.

Já José Ortega y Gasset demonstrava como a ilusão racionalista não passava de um fingimento histórico acerca do fato de que todos estamos permeados por crenças, dentre as quais essa “fé irracional na razão”:

As crenças constituem a base da nossa vida, o terreno sobre o qual a nossa vida acontece. Porque elas nos põem diante do que para nós é a própria realidade. Toda a nossa conduta, inclusive a intelectual, depende de qual seja o sistema das nossas crenças autênticas. Nelas “vivemos, nos movemos e somos”. Por isso mesmo, não costumamos ter consciência expressa delas, não as pensamos; elas agem de maneira latente, como implicações de tudo que expressamente fazemos ou pensamos. Quando cremos de verdade em uma coisa,

---

<sup>10</sup> Cf. *Ibidem*, n. 1.

<sup>11</sup> Cf. *Ibidem*, n. 2.

não temos a “ideia” dessa coisa, mas simplesmente “contamos com ela”<sup>12</sup>.

Todas as sociedades humanas, portanto, são constituídas por um “sistema de crenças” que aglutina o imaginário, a memória, os sentimentos, os pensamentos, os ideias, os desejos de cada indivíduo. Somos de alguma maneira condicionados por ele e não conseguimos nos evadir totalmente dele sem uma espécie de aculturação, que nos coloque fora e acima dessas circunstancialidades, numa perspectiva que não seja cronocêntrica e que nos permita assimilá-las, avaliá-las e transcendê-las desde uma perspectiva mais alta e, em si mesma, indeterminada, que nos possibilite retomar a posse da nossa inteligência e da nossa vontade, constituindo-nos numa posição verdadeiramente autopoética.

O problema é que todo sistema de crenças, de algum modo, atua sobre o nosso psiquismo produzindo aquilo que Samuel Taylor Coleridge, em sua *Biographia Literária*, chamava de *suspension of disbelief*, elemento fundamental do que ele chama de “fé poética”: “meus esforços deveriam ser direcionados a pessoas e personagens sobrenaturais, ou pelo menos românticos; ainda para transferir de nossa natureza interior um interesse humano e uma aparência de verdade suficiente para obter para essas desejadas sombras da imaginação uma suspensão momentânea da descrença, que constitui a fé poética”<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> ORTEGA Y GASSET, J., *Ideas y creencias* in *Obras completas*, tomo V, Ediciones Castilla, Madrid: 1964, pp. 387-388.

<sup>13</sup> COLERIDGE, S. T., *Biographia Literaria*, Edinburgh University Press, Edinburgh: 2014, p. 208, tradução minha.

Em outras palavras, um sistema de crenças desativa a nossa autodefesa crítica e opera sobre nós uma *captatio benelovientiae* que ativa nossa empatia, provocando uma espécie de antipatia apriorística seletiva. Ou seja, torna-se mais fácil crer em determinadas coisas, ao invés de descrer nas mesmas; assim como torna-se mais fácil descrer em determinadas coisas, do que crer nas mesmas.

Pôr-se por fora de um sistema de crenças e analisá-lo de uma perspectiva mais abrangente é propriamente aquilo que São Tomás de Aquino, na *Suma contra os Gentios*, dizia ser o “ofício do sábio”: “é próprio do sábio ordenar todas as coisas. (...) E, assim como próprio do sábio é principalmente contemplar a verdade do primeiro princípio e julgar as outras verdades, assim, é-lhe próprio impugnar a falsidade contrária”<sup>14</sup>.

Ora, se nos puséssemos a analisar o nosso atual “sistema de crenças”, facilmente perceberíamos que há muitas coisas em que os homens do nosso tempo acreditam, em que há bem pouco tempo nós não criamos. Por exemplo, hoje é comum as pessoas crerem que um animal é um membro da família, que o homem precisa ser esteticamente belo e ter uma cutis bem cuidada, que mostrar as protuberâncias corpóreas é uma ostensão honesta, que a mulher não tem responsabilidades domésticas, que os filhos são iguais aos pais, que o homem é também um sexo frágil, que existem direitos sexuais independentemente de qualquer moralidade, que podemos eticamente fazer aquilo que tecnicamente é possível, que para uma mulher o ser “do lar” é

---

<sup>14</sup> “*Sapientis est ordinare... sicut sapientis est veritatem præcipue de primo principio meditari et aliis disserere, ita eius est falsitatem contrariam impugnare*”. TOMÁS DE AQUINO, S., *Summa contra gentiles*, lib. I, caput I<sup>um</sup>, n. 2 et n. 6. Tradução minha.

uma escravidão e que liberdade é trabalhar na empresa de um chefe bem macho, etc.

Se quase nove em cada dez brasileiros dizem acreditar em Deus, segundo a pesquisa *Global Religion 2023*, produzida pelo Instituto Ipsos<sup>15</sup>, essa crença é bastante difusa e genérica, sem grandes repercussões na vida moral das pessoas e, ademais, sem a sentida necessidade de um relacionamento profundo que pudesse se caracterizar como uma verdadeira abertura à

---

<sup>15</sup> “Quase nove em cada dez brasileiros dizem, por exemplo, acreditar em Deus, segundo a pesquisa *Global Religion 2023*, produzida pelo instituto Ipsos. (...) De acordo com a pesquisa do Ipsos, 70% dos brasileiros disseram que acreditam em Deus como descrito em escrituras religiosas, como a Bíblia, o Alcorão, a Torá, entre outros, e 19% acreditam em uma força superior, mas não em Deus como descrito em textos religiosos. Cerca de 5% dos brasileiros disseram não acreditar em Deus ou em um poder maior, 4% afirmaram que não sabem e cerca de 2% preferiram não responder. (...) Enquanto 89% dos entrevistados no país disseram crer em Deus ou um poder superior, só 76% afirmaram seguir uma religião. O índice nacional ficou novamente acima da média global, que foi de 67% neste caso, mas bem abaixo dos primeiros colocados: Índia (99%), Tailândia (98%) e Turquia (86%). Entre os brasileiros religiosos, 70% disseram ser cristãos (católicos, evangélicos e outras denominações) e 5% são filiados a outras religiões, enquanto 20% disseram não ter uma religião e 5% das pessoas preferiram não responder. Os dados da Ipsos mostram que a diferença na adesão dos jovens da geração Z (de até 23 anos) e do resto da população adulta a uma religião é bem maior entre os católicos do que entre os evangélicos. Enquanto 38% dos adultos se declararam católicos, somente 23% dos jovens da geração Z dizem aderir à religião - uma diferença de 15 pontos. Já entre os evangélicos e outros cristãos, o índice geral entre adultos é de 29% e entre os jovens é 26% - ou seja, além de existir uma diferença geracional menor, já há mais jovens evangélicos do que católicos no Brasil hoje, aponta o estudo”. BBC NEWS, *Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus*, 22 de maio 2023 in <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o>, consultado pela última vez em 15 de julho de 2023.

espiritualidade. Dizendo de outro modo, as pessoas têm a opinião de que Deus existe, recorrem a ele de modo natural, mas a incidência disso em sua vida é bastante frágil; a experiência religiosa contemporânea é relegada a uma espécie de subjetivismo espiritualista sem implicações morais e muito menos ascéticas.

Seríamos, de fato, profundamente ingênuos se não percebêssemos que a influência das convicções compartilhadas em nossa sociedade contingencia a nossa formação espiritual e que é preciso lidar com esse condicionamento caso queiramos conduzir as pessoas para uma maior intimidade com Deus.

Desde a Revolução Industrial, a humanidade começou a trilhar pelas vias de uma verdadeira subversão cosmológica. Os nossos antepassados tinham uma percepção mística da realidade; circundados de vida por todos os lados, eles intuía que por detrás do universo há um Deus vivo e inteligente, que se comunica conosco não apenas através de palavras, mas também através de acontecimentos. Essa percepção foi sendo paulatinamente quebrada; na medida em que trocamos o campo pela cidade, a criação de Deus pela criação do homem, a nossa percepção da realidade sofreu um esvaziamento místico em benefício de uma visão puramente técnica do mundo. Para nós, essa estrutura fechada que chamamos “cidade” é a realidade concreta, enquanto o resto do universo e do planeta são percebidos como qualquer coisa de irreal e idílico.

Já o Papa Pio XII, em sua Rádio Mensagem de Natal do ano 1953, dizia que

A estes homens em trevas desejamos indicar a “grande luz” que irradia do presépio, convidando-os, antes de

mais nada, a reconhecerem a causa que hoje os cega e torna insensíveis ao que é divino. Não é senão a exagerada e, algumas vezes, exclusiva estima do chamado “progresso técnico”. Este, primeiramente sonhado como mito onipotente e manancial de felicidade, e depois levado com toda a sorte de recursos até às mais audazes conquistas, impôs-se às consciências como fim último do homem e da vida, substituindo-se, portanto, a qualquer espécie de ideais religiosos e espirituais. Hoje vê-se com clareza cada vez maior que a sua indevida exaltação cegou os olhos dos homens modernos, tornou surdos os seus ouvidos, a ponto de se verificar neles o que o Livro da Sabedoria flagelava nos idólatras do seu tempo (Sab 13, 1): são incapazes de reconhecer através do mundo visível aquele que é, de descobrir pela obra o artista. Muito mais hoje - para aqueles que caminham nas trevas - permanecem envolvidos em absoluta obscuridade o mundo do sobrenatural e a obra da Redenção, que transcende toda a natureza e foi levada a termo por Jesus Cristo.

No entanto parece inegável que a mesma técnica, levada no nosso século ao apogeu do esplendor e do rendimento, se transforma por circunstâncias de fato em grave perigo espiritual. Diríamos que dá ao homem moderno, inclinado diante do seu altar, um sentido de autossuficiência, e de satisfação plena das suas aspirações de conhecimento e de poder sem limites. Com o seu múltiplo emprego, a absoluta confiança que suscita, as inexauríveis possibilidades que promete, a técnica moderna desenvolve, em torno do homem contemporâneo, visão tão vasta que leva muitos a confundi-lo com o próprio infinito. Atribui-se-lhe, por consequência, uma autonomia impossível, que por sua

vez se transforma, no pensar de alguns, em errada concepção da vida e do mundo, que se designa com o nome de “espírito técnico”. Mas este, em que consiste exatamente? Em se considerar, como o mais alto valor humano e da vida, tirar o maior proveito das forças e dos elementos da natureza; em se colocarem como fim, de preferência a todas as outras atividades humanas, os possíveis métodos técnicos de produção mecânica, vendo neles a perfeição da cultura e da felicidade terrena<sup>16</sup>.

Ora, diante de tal situação, como podemos restaurar uma autocepção numa percepção espiritual do mundo e do nosso relacionamento? Pio XII, na conclusão da referida radiomensagem, nos dá uma pista: “Como na criação ‘no princípio era o Verbo’ e não eram as coisas nem as suas leis, nem a sua potência e abundância; assim na execução da misteriosa empresa confiada pelo Criador à humanidade, deve pôr-se ao princípio o mesmo Verbo, a sua verdade, a sua caridade e a sua graça; somente depois a ciência e a técnica”<sup>17</sup>.

Se, no passado, as civilizações eram inteiramente religiosas e, neste sentido, no tempo da Igreja, a fé exercia um verdadeiro predomínio sobre a interpretação dos fatos, hoje, após quase 300 anos da Revolução Industrial, achamo-nos não apenas incapazes de fazê-lo, mas até nos resignamos a nos interpretarmos à luz das demandas secularistas, dessa “religião civil” feita de crenças absurdas, ilógicas, dissociativas, povoada de mitos e de esoterismos, que se querem impor inquisitorialmente numa

---

<sup>16</sup> PIO XII, S.S., Radiomensagem de Natal, 24 de dezembro de 1953 in AAS 46 (1954), pp. 6 e 8.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 16.



espécie de neobscurantismo fanático, que subjuga a razão e criminaliza a fé.

É necessário, pois, trocar os números pela Palavra, o algoritmo pelo Logos. E isso não é possível sem um trabalho ascético profundo de purificação. E é aqui que passamos da análise dos condicionamentos culturais para a formação espiritual propriamente dita. Como “a graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa”<sup>18</sup>, segundo São Josemaria, as virtudes humanas são a base das sobrenaturais:

“As virtudes humanas - insisto - são o fundamento das sobrenaturais; e estas proporcionam sempre um novo impulso para nos desenvolvermos como homens de bem. Mas, em qualquer caso, não é suficiente o desejo de possuir essas virtudes: é preciso aprender a praticá-las. *Discite benefacere*, aprendei a fazer o bem. Temos que exercitar-nos habitualmente nos atos correspondentes - atos de sinceridade, de equanimidade, de serenidade, de paciência -, porque obras é que são amores, e não se pode amar a Deus só de palavra, mas *com obras e de verdade*”<sup>19</sup>.

Partindo desse princípio, antes de falarmos propriamente sobre a formação espiritual, ou seja, o auxílio para o progresso na vida de oração, precisamos falar sobre alguns pré-requisitos de formação humana.

---

<sup>18</sup> “*Gratia non tollat naturam, sed perficiat*”. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 1, a. 8, ad 2<sup>um</sup>.

<sup>19</sup> JOSEMARIA ESCRIVÁ, S., *Amigos de Deus*, n. 91.

*Formação da estética.* A música, as artes plásticas, o cinema, o teatro são armas letais utilizadas para dissolver o senso estético das pessoas pela contínua exposição do feio e do disforme, impostos como obrigação política contra a sensibilidade mais intuitiva da beleza. Em certo sentido, é impossível aspirar à beleza e ao sublime chafurdando-se diuturnamente na desfiguração e no grotesco. A este respeito, Adam Parfrey, em seu *Apocalypse Culture* mostra como o culto à feiúra em seus aspectos mais terríveis foi amplamente difundido pelas culturas revolucionárias<sup>20</sup>.

S. Josemaria nos ensina: “Dissipação. - Deixas que os teus sentidos e potências bebam em qualquer charco. - E depois andas desse jeito: sem firmeza, dispersa a atenção, adormecida a vontade e desperta a concupiscência. - Torna a sujeitar-te com seriedade a um plano que te faça ter vida de cristão, ou nunca farás nada de proveito”<sup>21</sup>.

*Formação do imaginário.* Se a função da Poética é justamente adequar nossa imaginação ao verossímil, o desastre da inanição do imaginário é difícil de dimensionar. A troca de experiências entre pessoas só é possível mediante o recurso de imagens, de metáforas, de recursos que estão na cultura e que suprem a nossa incapacidade de exprimir com palavras próprias as nossas experiências interiores. A pobreza da formação literária faz com que as pessoas não tenham referências e, por isso, não consigam se entender. Poluído com todo tipo de impressão excitativa do concupiscível e do irascível, o mundo interior das pessoas é altamente bagunçado e precisa de séria desintoxicação

---

<sup>20</sup> Cf. PARFREY, A., *Apocalypse culture*, Amok Press, New York: 1987.

<sup>21</sup> JOSEMARIA ESCRIVÁ, S., *Caminho*, n. 375.

para progredir na virtude rumo à contemplação. A exposição excessiva a estímulos repetitivos dilui a imaginação, fazendo-a perder a capacidade de contração e distensão.

“Se a imaginação ferve em torno de ti mesmo, crias situações ilusórias, cenários que, ordinariamente, não combinam com o teu caminho, e te distraem totalmente, te esfriam e te afastam da presença de Deus. - Vaidade. Se a imaginação volteia em torno dos outros, cais facilmente no defeito de julgá-los - quando não tens essa missão -, e interpretas de modo rasteiro e pouco objetivo o seu comportamento. - Juízos temerários. Se a imaginação esvoaça sobre os teus próprios talentos e modos de dizer, ou sobre o clima de admiração que despertas nos outros, expões-te a perder a retidão de intenção e a dar pasto à soberba. Geralmente, soltar a imaginação implica uma perda de tempo, mas, além disso, quando não se domina, abre passagem a um filão de tentações voluntárias. - Não abandones nenhum dia a mortificação interior!”<sup>22</sup>.

*Formação cognitiva.* Em seu comentário a Boécio, São Tomás mostra como as sete artes liberais (o *trivium* e o *quadrivium*) são disciplinas intelectuais que não se ocupam propriamente de comunicar um conteúdo (o que pertence propriamente às ciências), mas de fornecer ao homem instrumentais cognitivos e o seu reto manejo<sup>23</sup>. O nível de

---

<sup>22</sup> IDEM, *Sulco*, n. 135.

<sup>23</sup> “*Septem liberales artes non sufficienter dividunt philosophiam theoreticam, sed ideo, ut dicit Hugo de sancto Victore in III sui Didascalion, prætermittis quibusdam aliis septem connumerantur, quia his primum erudiebantur, qui philosophiam discere volebant, et ideo distinguuntur in trivium et quadrivium. (...) Inter ceteras scientias artes dicuntur, quia non*

letramento das pessoas é, atualmente, muito baixo. A incapacidade de compreender sutilezas, matizes, ironias, metáforas, chega a ser escandalosa, para não falar da própria dificuldade na simples leitura e no uso do vernáculo. A imensa acessibilidade a conteúdos, proporcionada pela internet, coincide com a imensa incapacidade de assimilá-los adequadamente num todo ordenado e coerente. Como diz Donald Wood, em seu livro *Pós-intelectualismo e o declínio da Democracia*, com uma horda de pessoas incapazes intelectualmente, a única alternativa contra a anarquia generalizada será o totalitarismo e a manipulação<sup>24</sup>.

“Está certo que ponhas esse empenho no estudo, sempre que ponhas o mesmo empenho em adquirir vida interior”<sup>25</sup>.

*Formação moral.* Em certo sentido, a formação moral e a intelectual se causam mutuamente. Se, de um lado, a formação cognitiva é necessária para que a vontade seja movida por convicções firmes; de outro, a formação cognitiva não é possível sem um ordenamento prévio das paixões, que tendem a ofuscar o entendimento e incapacitá-lo para os seus atos. Neste sentido, nem sempre será possível formar a pessoa na virtude sem o recurso da docilidade à lei moral e um direcionamento decidido ao fim último, tornado presente pela consideração dos novísimos. Em todo caso, a reta formação moral pressupõe a

---

*solum habent cognitionem, sed opus aliquod, quod est immediate ipsius rationis*”. TOMÁS DE AQUINO, S., *Super Boetium De Trinitate*, q. 5, a. 1, ad 3<sup>um</sup>.

<sup>24</sup> Cf. WOOD, D., *Post-intellectualism and the Decline of Democracy*, Præger, London: 1996, pp. 229-240.

<sup>25</sup> JOSEMARIA ECSRIVÁ, S., *Caminho*, 341.

recepção do querigma, sem o qual se degeneraria numa espécie de moralismo pagão.

Todas essas etapas são pressupostas para a formação espiritual, que versa especificamente sobre o crescimento na vida de oração. Como a oração é ato da faculdade cognitiva<sup>26</sup>, o qual necessita do exercício da memória, da qual não é subjetivamente distinta<sup>27</sup>, o modo de nos formarmos para a vida de oração é basicamente pela purificação da memória, pelo seu exercício e pelo seu preenchimento de Deus.

São João da Cruz menciona-o expressamente em *A Subida do Monte Carmelo*:

Agora diremos apenas o modo necessário para entrar a memória ativamente, tanto quanto é possível à sua própria habilidade, nessa noite e purificação. Tenha sempre o espiritual esta cautela: em tudo que vir, ouvir, gostar o cheirar e tocar, não procure fazer arquivo ou presa na memória, antes esqueça depressa; e isso, faça com o mesmo empenho com que outras pessoas procuram lembrar: de maneira que não lhe fique impressa na memória notícia ou figura alguma daquelas coisas, como se jamais houvessem existido no mundo; deixe a memória livre e desembaraçada, sem prendê-la a qualquer consideração, do céu ou da terra, perdida num total olvido, como se não tivesse memória, e como sendo obstáculo para a união; pois tudo o que é

---

<sup>26</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Theologiæ*, II<sup>a</sup>-II<sup>æ</sup>, q. 83, a. 1.

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, I<sup>a</sup>, q. 79, a. 7.

natural antes estorva que ajuda, quando se quer usar dele para o sobrenatural<sup>28</sup>.

Em *Amigos de Deus*, São Josemaria ensina que “a oração mental é diálogo com Deus, de coração a coração, em que intervém a alma toda: a inteligência e a imaginação, a memória e a vontade. Uma meditação que contribui para dar valor sobrenatural à nossa pobre vida humana, à nossa vida corrente e diária”<sup>29</sup>.

Para ilustrar o princípio acima mencionado por este mestre de vida espiritual, gostaria de fazer referência ao testemunho de uma religiosa que abandonou a vocação em 1941, depois de 28 anos no convento, e escreveu um livro autobiográfico muito interessante, com o sugestivo título de “Saltei o muro”. Ali, ela conta muitas coisas interessantes.

Julgo antes que a maior parte das que se fazem freiras pertencem a uma ou outra de duas bem diferentes classes. A primeira e a menos numerosa é constituída pelas que são, por natureza, devotas, não sentem tendência para o casamento, gostam de dizer as suas orações (o que talvez seja o contrário de rezar) e apreciam aquela existência tranquila e bem ordenada cujo alvo é o céu; não serão as melhores freiras, mas levam, com certeza, uma vida digna de toda a consideração e não raramente atingem surpreendente grau de santidade. A segunda classe, a da maioria, oferece maior interesse: é a das que entram no convento

---

<sup>28</sup> JOÃO DA CRUZ, S. *Subida do Monte Carmelo*, III, 2, 14 in *Obras Completas*, Vozes, Petrópolis: 2002, pp. 332-333.

<sup>29</sup> JOSEMARIA ESCRIVÁ, S. *É Cristo que passa*, n. 119.

menos por sua própria escolha do que por terem sido escolhidas por Deus. É a «vocação» decidida. Qualquer aventura espiritual lhes aconteceu; algum encontro vital, entre as suas almas e Deus, teve lugar. Sabem, sem sombra de dúvida, que Deus não é um vago e remoto ideal espiritual mas uma Pessoa viva. Passam, portanto, a estar como que possuídas por uma espécie de ardente sede e fome de Deus, que só Ele próprio pode satisfazer.

Falando sobre as regras da vida religiosa, ela observa:

A Mestra de Noviças, me disse: «Deve esquecer todos os seus gostos e hábitos e deixar que a Regra a amolde segundo o padrão da Ordem a que pertence».

Como eu tinha muita vida e me apegava muito à minha visão pessoal das coisas, achei isto difícil. E passou-se certo tempo antes que as chamadas «Regras da Modéstia» conseguissem transformar as minhas maneiras mundanas num porte «religioso». Entre outras coisas, essas Regras decretam que, ao andar, nunca devemos balouçar os braços, mas, antes, manter as mãos humildemente cruzadas, ao nível da cintura. Assim, era «religioso». Andar depressa também se considerava falta de decoro.

Era-se obrigado a caminhar em passo curto e compassado, a cabeça levemente inclinada para diante e os olhos sempre postos no chão. Mesmo que uma bomba explodisse atrás de nós, a atitude perfeita consistia em não erguer a cabeça. Efetivamente, a esta «proteção do olhar» atribui-se tal importância que erguê-lo, embora só momentaneamente, sem estrita

necessidade, no coro ou no refeitório, se considera como infração menor da Regra.

A razão oculta de tão rigorosa defesa dos sentidos é evitar que algum pensamento nos distraía e interrompa a contínua aplicação do espírito em Deus, o que representa, evidentemente, o ideal dos contemplativos (...).

Um dia, a minha Mestra de noviciado disse-me: - «Deus é Espírito e é por isso que só espiritualmente pode ser apreendido. Está, naturalmente, em toda a parte, mas não em toda a parte *para nós*. O único lugar onde podemos realmente entrar em contato vital com Deus é o centro da nossa própria alma».

Perguntei-lhe o que queria precisamente significar com a expressão «centro da alma». Explicou-me que era o que em nós existe de mais profundo e secreto: o fulcro central da nossa personalidade.

Mais tarde, quando comecei a ler livros espirituais descobri que é nesse «centro da alma» que as verdadeiras aventuras da vida espiritual tinham lugar. A dificuldade consistia, naturalmente em saber como chegar até lá.

Segundo a Mestra das Noviças, havia uma única maneira, a que chamava «recolhimento». Consistia em fechar o espírito a tudo que é exterior, de maneira a libertá-lo de qualquer pensamento distrativo. O espírito está apto, então, a penetrar em si próprio por «introversão», ou, por outras palavras, a concentrar-se sobre si próprio no seu ponto mais alto ou, se preferem, mais fundo. (...)



As minhas perguntas diziam respeito, quase sempre, ao «recolhimento». Julgo que a minha Mestra de noviciado acabou por se cansar de lhes responder, porque um dia, em vez de conversar comigo, deu-me um livrinho para ler. Chamava-se «Da União com Deus» e o seu autor era Alberto, o Grande. Julgo ainda que é um dos mais maravilhosos livros que se têm escrito sobre a vida espiritual. O autor – homem de uma ideia – sustenta que o fim e o alvo de todos os esforços contemplativos é «afastar da memória todo o potencial de amor e de pensamento das coisas terrenas e fixa-lo em Deus, repousando com Ele no centro da alma»<sup>30</sup>.

Quis me referir a essa história real para ilustrar concretamente o que significa purificar a memória. No caso de Mônica Baldwin, de acordo com a vocação específica que ela abraçou, essa purificação requeria um recolhimento absoluto, em que a memória se esvazia de tudo que não é Deus para encher-se do divino.

Trata-se de um duplo exercício: esvaziamento e preenchimento. Esvaziamento de tudo que nos afasta de Deus e simultâneo preenchimento de Cristo.

No início da vida espiritual, é muito importante o trabalho de preenchimento da memória através de leituras espirituais, desde a Sagrada Escritura até leituras hagiográficas e ascéticas. Tudo isso é fundamental para reformar os pensamentos e criar aquela plataforma interior a partir da qual será possível saltar para a contemplação. Sem isso, a mente não tem sobre o que meditar,

---

<sup>30</sup> BALDWIN, M., *Saltei o muro. Regresso ao mundo depois de 28 anos de convento*, Tavares Martins, Porto: 1958, pp. 19-23.

fica perplexa e aturrida, sem conseguir abstrair-se na união com Deus.

Contudo, como bem observa a autora, a vida espiritual necessita de um ambiente espiritual, ou seja, de uma cultura espiritual. Não é possível chegar à união divina sem algo de recolhimento, sem uma atenção amorosa e espiritual a Deus, sem aquela discreta vida interior cuja música de fundo é celestial.

A espiritualidade exige conversão verdadeira, exige abraçar um estilo espiritual de vida, que entra em confronto com a nossa cultura materialista e vazia. O caminho para vencer essas estruturas sociais iníquas, entre outras coisas, passa pela posse da própria inteligência pessoal iluminada pela fé, posse que exercemos justamente quando nos aprendemos a usar esse poder evocativo característico de uma memória ativa e purificada, para não nos esquecermos nunca dos benefícios de Deus.